



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ariane Martins Ferreira

**A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DO TEMPO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: caminhos para a participação das crianças.**

Florianópolis, dezembro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ariane Martins Ferreira

**A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DO TEMPO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: caminhos para a participação das crianças**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Centro de Ciências da Educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Luciane Maria Schlindwein. Co-orientadora: Joselma Salazar de Castro.

Florianópolis, dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Maria Schlindwein,  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Joselma Salazar de Castro  
Co-Orientadora  
Prefeitura Municipal de Florianópolis

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Giselle Silva Machado de Vasconcelos  
Prefeitura Municipal de Florianópolis

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilana Laterman  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Caroline Guião Coelho Neubert  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, em especial aos meus pais, Luci Mari e Altair, por suas orações, dedicação, carinho, apoio durante este processo e por sempre estarem me incentivando nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu namorado Alisson Silva pela atenção, incentivo e sempre estar ao meu lado, durante a realização deste trabalho em dias de risos e choros, por apoiar meus sonhos. Aos meus primos Maria Eduarda da Silva, Pedro Paulo de Matos Jr e Anna Paula Matos Aos meus amigos de trabalho, Amanda Pauli, Josiane Vieira, Graziela Silveira, por fazerem deste percurso um caminho mais alegre, por suas amizades e por torcerem sempre por mim. Aos meus tios pelo apoio. À minha orientadora Luciane, pela proximidade, pela confiança e pela direção neste momento tão especial da minha vida. À minha corientadora Joselma, pela amizade, carinho e incentivo e palavras de apoio durante este processo. Aos componentes da banca de defesa, pela atenção e, sobretudo, por suas contribuições à minha formação. A todos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Todo jardim começa com um sonho de amor.  
Antes que qualquer árvore seja plantada  
ou qualquer lago seja construído,  
é preciso que as árvores e os lagos  
tenham nascido dentro da alma.

Quem não tem jardins por dentro,  
não planta jardins por fora  
e nem passeia por eles...

(Rubem Alves)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema a participação das crianças nos contextos coletivos da educação infantil. Seu objetivo principal é analisar propostas pedagógicas nas escolas para a educação infantil que contemplam organização dos espaços e do dos tempos e promovam a participação das crianças, a partir de pesquisas acadêmicas que investigam a temática. Caracteriza-se como uma pesquisa teórica de cunho qualitativo por meio de estudos bibliográficos realizados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) no Grupo de Trabalho 7 – Educação para as crianças de 0 a 6 anos (GT7) entre 2005 a 2015. Por meio das análises pode-se notar que, as pesquisas analisadas destacam a importância na questão da participação das crianças e a organização dos espaços e tempos na educação infantil. No entanto, ainda são poucos os estudos e trabalhos que se dedicam ao estudo da participação das crianças.

**Palavras-chave:** Criança. Espaço e tempo. Participação.

## **ABSTRACT**

This work of course completion has as its theme the participation of children in the collective contexts of early childhood education. Its main objective is to analyze pedagogical proposals in schools for children's education that contemplate the organization of spaces and times and promote the participation of children, based on academic research that investigates the theme. It is characterized as a theoretical research of a qualitative nature by means of bibliographical studies carried out in the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and in the National Association of Postgraduate and Research in Education (ANPED) in Working Group 7 - Education for Children from 0 to 6 years old (WG7) between 2005 and 2015. Through the analyzes it can be noted that the research analyzed highlights the importance of children's participation and the organization of spaces and times in early childhood education. However, there are still few studies and works that are dedicated to the study of children's participation.

Keywords: Child. Space and time. Participation.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 e 2 - Trabalhos mapeados por ano, instituição, título, autor (a), orientador (a) e tipo -----16

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPED – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO.

BDTD - BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES.

GT – Grupo de Trabalho

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	11
1.1 OBJETIVO-----	13
1.1.2 Objetivo Geral -----	13
1.1.3 Objetivos Específicos -----	13
1.2 METODOLOGIA-----	14
2. CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO -----	18
3. CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO E TEMPO-----	22
4. ESTUDOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO INFANTIL-----	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	33
REFERÊNCIAS-----	35

## 1.0 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa teórica de cunho qualitativo e seu objetivo foi analisar a participação das crianças nos contextos coletivos da educação infantil. A temática deste trabalho começou a ser escolhida a partir da minha experiência como auxiliar de sala numa instituição filantrópica de educação infantil. Esse tema foi se tornando relevante para mim, provocando um questionamento: Como a professora pode organizar o espaço da educação infantil, de modo que se torne mais significativo para as crianças?

Além disto, ainda procuro perceber se os espaços contemplam as necessidades de aprendizagem e de expressão das crianças. Percebi que a organização transformava a educação das crianças ao apresentar espaços e tempos limitados. Por essas inquietações decidi aprofundar meus estudos.

Em minha experiência como auxiliar de sala, na educação infantil, pude perceber que as crianças participam pouco. As organizações das atividades e do cotidiano, na minha experiência, indicaram que o professor assume um papel de centralidade, direcionando e coordenando as atividades e a organização dos espaços e tempos. Esta questão foi me provocando, uma vez que os estudos realizados na universidade indicavam que as crianças poderiam ocupar o papel de protagonistas, ampliando o espaço de participação, mesmo das crianças muito pequenas.

Os espaços da sala de aula, é por excelência o lugar onde adultos e a criança se encontram e interagem em torno de novos conhecimentos. Essa interação que constitui a dinâmica deste espaço e é decorrente da forma como o professor vê o processo de ensino aprendizagem. Para Horn (2004, p.28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido

como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

O espaço de Educação Infantil pode se constituir em um lugar com objetos que proporcionem a imaginação, criação, interação, emoções das crianças. Se constituir em um espaço adequado para atender as necessidades das crianças, favorecendo seu desenvolvimento integral.

O presente trabalho está organizado em partes:

No primeiro capítulo destacamos o conceito de participação. Quando o assunto é a participação das crianças, a questão é ainda muito mais complexa, seu espaço de atuação ainda é muito restrito e dependente da iniciativa dos adultos.

O segundo capítulo destinou-se ao espaço e tempo na educação infantil, ao qual, a produção de conhecimento da área possibilita compreender a importância e influência dos espaços no desenvolvimento infantil.

E por último, o terceiro capítulo contém uma análise das discussões do primeiro e segundo capítulos, mapeando as dissertações selecionadas.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.2. Objetivo geral:

Investigar a produção bibliográfica que indique propostas pedagógicas para a educação infantil contemplando a participação da criança a partir da organização dos espaços e tempos da Educação Infantil.

### 1.1.3 Objetivos Específicos:

- Mapear nos trabalhos acadêmicos o enfoque na organização dos tempos e espaços na educação infantil;
- Identificar nos estudos selecionados a relação entre a participação infantil e a relação com a organização de tempos e espaços.

## 1.2 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa teórica de cunho qualitativo. Conforme André (2013), as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas. Assim, mesmo tratando-se de um estudo documental é possível identificar nos textos estudados a atuação dos sujeitos na transformação da realidade, o que também ocasiona a transformação destes.

É possível afirmar que o documento possa substituir o registro de um evento que o pesquisador não pode observar diretamente. Documentos são muito úteis nos estudos de caso porque complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação dos dados (STAKE, 1995).

Realizamos um levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na plataforma da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), particularmente no GT 7 da Educação para as crianças de 0 a 6 anos. Ambos os levantamentos foram relacionados à participação das crianças nos contextos coletivos da educação infantil, a partir da organização dos tempos e espaços. Esta busca compreendeu o período de 2005 e 2015. Os resultados da busca da ANPED estão agrupados no quadro abaixo.

### 1:QUADRO ANPED

ANO	Nº de pesquisas	Nº de pesquisas referente ao tema	Nº de pesquisas que não tem relação	Autor	Título	Universidade
2005	20	01	19	Ângela Coelho de Brito.	AS RODINHAS NAS CRECHES: UMA PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO DO MOVIMENTO DISCURSIVO DAS CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS.	UFF

2006	22	01	21	Denise Sans Guerra Gomes da Silva.	REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO ENTRE ESPAÇOS FÍSICOS E O COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	PUC-RJ
2007	18	0	18	*	*	
2008	19	0	19	*	*	
2009	16	0	16	*	*	
2010	17	0	17	*	*	
2011	15	01	14	Renata Provetti Weffort Almeida	INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: O GRUPO DE CRIANÇAS E SUAS AÇÕES EM CONTEXTO ESCOLAR.	PUC-SP
2012	18	0	18	*	*	
2013	12	0	12	*	*	
2014						
2015	29	0	29	*	*	

FONTE: Elaborada pela autora (2016).

Para realizar o mapeamento dos trabalhos na BDTD foram usados seis conjuntos de descritores: (Educação Infantil, Organização dos espaços, Participação das Crianças), (Creche, Participação, Organização), (Creche e

Participação Infantil), (Educação Infantil, Organização dos espaços), (Educação Infantil e Participação Infantil) e (Creche, Organização do espaço e tempo).

Optou-se pela busca destes descritores nos títulos e resumos das dissertações e tese. Ao todo foram encontradas 424 pesquisas no recorte temporal de dez anos. Dentre os resumos analisados, seis possuem relação com a participação das crianças e a organização dos espaços e do tempo nos contextos coletivos da Educação Infantil. Os resultados da busca da BDTD estão agrupados no quadro 2.

## 2:QUADRO BDTD

Palavras chaves	Nº. de pesquisas	Nº de pesquisas referente ao tema	Nº de pesquisas que não tem relação	Autor	Título	Universidade
CRECHE E PARTICIPAÇÃO INFANTIL	31	01	30	Emillyn Rosa	O PLANEJAMENTO DEMOCRATICO E PARTICIPATIVO CONSTRUIDO COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS. (2015)	UNINOVE
EDUCAÇÃO INFANTIL, ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA.	20	01	19	Synara do Espírito Santo Almeida	PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ROTINAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL (2015)	UFS
CRECHE, PARTICIPAÇÃO ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.	01	0	01	0	0	0
EDUCAÇÃO INFANTIL, ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.	97	04	93	Rita de Cassia Martins	A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. (2010) ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: CONTRIBUIÇÕES	UFPR

				Margari da Custódio Moura.	PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL QUALIDADE (2009).	UNB
				Eliza Revesso Vieira.	A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIENCIA CONCRETA Á LUZ DA TEORIA HISTORICO-CULTURAL. (2009)	UNESP
				Renata Aparecida Dezo Silgulani	AS CRIANÇAS GOSTAM DE TUDO QUE NÃO PODE: CRIANÇAS EM NOVAS RELAÇÕES COM A MONITORA E A CULTURA NO ESPAÇO DA CRECHE. (2009).	FFC
EDUCAÇÃO INFANTIL, PARTICIPAÇÃO INFANTIL.	268	0	268	0	0	0
CRECHE, ORGANIZAÇÃO ESPAÇO E TEMPO.	07	0	07	0	0	0

FONTE: Elaborada pela autora (2016)

## 2. CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO INFANTIL

O conceito de participação está ligado à cidadania e está vinculado ao ECA, aos direitos e deveres tanto individuais quanto coletivos. Quando o assunto é a participação das crianças, a questão é ainda muito mais complexa, seu espaço de atuação ainda é muito restrito e dependente da iniciativa dos adultos. As crianças ainda não são percebidas, pela sociedade em geral, como agentes sociais e a infância como uma etapa geracional, que influencia a estrutura social e, ao mesmo tempo, é influenciada por ela.

De acordo com Vasconcelos (2010), uma efetiva e legítima participação infantil depende da decisão do adulto em ceder parte do poder que detém, atribuindo à criança liberdade de pensar e agir sobre ela e para ela (VASCONCELOS, 2010).

Isto significaria romper com a ideia de que apenas o adulto pode pensar e definir o que é importante para a criança. Significa ainda, permitir ou não determinadas ações das crianças, instaurando assim uma relação democrática de iguais direitos, percebendo também que elas buscam meios de ter sua participação garantida. A este respeito Agostinho (2014), assevera que:

As discussões acerca dos direitos de participação das crianças pequenas se alinham como as que vêm sendo travadas nos estudos feministas e pós-coloniais. As políticas de reconhecimento têm construído entendimentos mais alargados e aprofundados de representação, diferença e identidade para o estabelecimento da justiça social, como noções mais cosmopolitas de cidadania, nos quais se implemente uma comunicação democrática inclusiva, que aposte na interdependência como motor de força da construção de cidadania, para vencer a relação dicotômica dependência/independência. (AGOSTINHO, 2014, p. 06).

Participação é concebida como um direito da criança, porém quem está no poder precisa compartilhar o momento, enquanto não houver compartilhamento, não há participação, não há garantia do direito. Desta forma, o direito das crianças participarem ativamente nos contextos educacionais é fator de reconhecimento da competência social. Para tal reconhecimento, a

instituição de educação infantil deve ser um espaço de prática democrática e os profissionais de educação devem ser também profissionais da democracia.

De acordo com Curry (2002), a proteção integral tem como fundamento a concepção de que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, frente à família, à sociedade e ao Estado. Rompe com a ideia de que sejam simples objetos de intervenção no mundo adulto, colocando-os como titulares de direitos comuns a toda e qualquer pessoa, bem como de direitos especiais decorrentes da condição peculiar de pessoas em processo de desenvolvimento.

As crianças são atores sociais de direitos próprios e não podem ser vistas como objeto de socialização. Essa concepção é fundamental para o êxito de uma educação democrática e justa, com a participação das crianças. Necessidade que o aluno deixe de ser apenas objeto de ensino para ser parceiro de trabalho, participando e dando sugestões.

As crianças têm “voz” porque têm opiniões, ideias, experiências, sentimentos a nos dizer. Importa, então, que queiramos ouvi-las. As crianças como sujeitos de conhecimento e produtoras de sentido têm voz, são legítimas as suas formas de comunicação e relação que utilizam para se expressar. Ao fazê-la, contribuem na renovação e reprodução dos contextos em que participam, quando existe quem esteja interessado em ouvir suas vozes. (AGOSTINHO, 2014).

De acordo com Agostinho (2015), sua participação pode ser pensada como prática de cidadania vivida, num ativo envolvimento e compartilhamento de poder para estruturação dos cotidianos de vida coletiva nas creches e pré-escolas. Esta prática de participação pode possibilitar a vivência e construção da democracia numa perspectiva dialógica, assumindo a complexidade da participação das crianças. Assim como, sua multidimensionalidade, tendo em vista nosso reconhecimento da presença e da importância de todas as dimensões do humano.

Pela prática da participação democrática pode-se construir a democracia. Compreenda-se, ainda, como importante fator de

aprendizagem e vivência da cidadania, que as ações das crianças tenham valor, que sua presença e participação tenham sentido, que construam seu sentimento de pertença sendo-lhes permitido opinar e participar na sua organização. (AGOSTINHO, 2014).

A ideia de uma observação atenta no início do ano pode ser importante para conhecer as crianças e as famílias. A partir disso é possível planejar as atividades, oportunizando esses momentos de democracia e participação. Porém, durante o ano é preciso repensar e replanejar as atividades, para que possa oportunizar a participação das crianças, trazendo novos desafios e para que as mesmas possam construir sua autonomia.

Na creche podemos proporcionar a participação das crianças, com o espaço de interesse, brincadeiras e atividades possibilitando que a criança tenha direito da escolha. Nas rodas de conversar, as crianças podem expor suas emoções, vontades e desejos. É importante que as crianças participem. Quando as crianças escolhem o espaço de seu interesse, acredito que elas participam de forma independente. Sendo assim, a creche oportuniza esses momentos, o que exige ouvir mais as crianças. Quanto à escuta das crianças, Ostetto (2015) afirma que:

A escuta é disponibilidade ao outro e a tudo quanto ele tem a dizer; é escuta das cem e mais linguagens, com todos os sentidos. É um verbo ativo, pois, como sabemos, não é só registro, mas interpretação de mensagem: a mensagem ganha sentido e significado no momento em que aquele que a escuta lhe dá acolhida e valorização. É ainda um verbo recíproco: legitima o outro porque a comunicação é um dos modos fundamentais de dar forma ao pensamento, e ao ato comunicativo que se realiza através da escuta produz significativas e recíprocas mudanças, seguramente enriquecedoras, para os participantes desta forma de troca. (p. 08)

Com isso, quero ressaltar a importância dos educadores olharem, ouvirem, e sentirem, as crianças. Para além de fazerem os projetos pedagógicos e planejamentos, é necessário haver preocupação em ouvir as crianças. Isto significa não desprezar as diferentes formas de comunicação delas. Implica em considerar seus jeitos subjetivos de manifestar o que lhes interessa de fato. Isto pode ser caminho para oferecer um outro lugar social à criança.

Analisar esse desprezo tendo em consideração o lugar social que a criança ocupa, embora complexo, sugere que pensemos numa perspectiva educacional que legitime e valorize a relação/ação dos adultos, de forma a incluir a participação das crianças no contexto da sua prática educativa, prezando a interação e o confronto de saberes. (VASCONCELOS, p.29, 2010)

Conforme Agostinho (2014), o ponto de vista das crianças deve ser levado em conta, permitindo influenciar as decisões nos assuntos que as afetam. A participação e inclusão das crianças na produção dos espaços sociais e coletivos de educação passa pelo entendimento de elas serem assumidas como atores sociais. Isto é, as crianças são ativas reprodução e na produção desses espaços e na construção de suas próprias vidas.

Conforme Barbosa e Horn (2001), a sala de referência não é propriedade do educador. Junto aos educadores as crianças devem participar da organização e estética deste, pois desta maneira se sentem pertencentes ao espaço. Ainda é importante proporcionar o desenvolvimento da autonomia das crianças para que estas possam utilizar o espaço de forma mais efetiva e segura.

Para isso, a disponibilização dos materiais de maneira acessível, o fornecimento de instalações que favoreçam a independência das crianças (para que possam tomar água, utilizar o banheiro, colocar a mochila no lugar), são fundamentais. No espaço da sala ainda é importante que as crianças construam diferentes aprendizagens, por meio de livros, brinquedos e jogos que podem ser dispostos em prateleiras de forma intencional pelo educador e plenamente acessível a elas.

A participação da criança exige o reconhecimento do adulto quanto aos modos de ser, agir e sentir dela no mundo, como legítimos. Exige compreender que ser um sujeito social de direitos é ser um ser humano imerso socialmente, que tem direitos que lhes devem ser assegurado.

### 3. O ESPAÇO E TEMPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nos debates na área da Educação Infantil, a organização dos espaços das instituições vem sendo apontada como um dos aspectos necessários para se atingir uma Educação Infantil de qualidade. Autores como Agostinho (2003), Ambrogi (2011), Lima e Bhering (2006), Moreira (2012), Horn (2007), Barbosa e Horn (2001) discutem esta questão evidenciando a importância da organização adequada dos espaços como um importante elemento mediador aos processos de aprendizagem das crianças. Assim como, do desenvolvimento de sua autonomia e do desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões.

Na revisão da literatura encontrada sobre o tema, verificou-se que os autores utilizam os termos “espaço” e “ambiente”, às vezes como sinônimos, às vezes para referir-se a questões distintas. Não há consenso acerca do termo a ser utilizado. Segundo Agostinho (2004, p. 01)

O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído.

Já Ambrogi (2011) afirma que o espaço em si de nada vale, mas o que na verdade importa é que se utilize o mesmo de maneira a garantir a essência de um ambiente que estimule a vivência de experiências. A autora referencia-se em Lima (1989), para quem há uma relação intrínseca entre espaço e ambiente, considerando que um espaço físico pode conter vários tipos de ambientes. Moreira (2012) também utiliza o termo ambiente para definir a relação entre o espaço físico e as interações que nele ocorrem.

O espaço é sempre potencial, ou seja, ele está sempre disponível a se transformar em ambiente. Nesse sentido, o espaço abstrato e neutro não existe, pois quando o homem interage com ele, seja pensando-o, imaginando-o, planejando-o, vivenciando-o de alguma

maneira, o espaço assume um determinado contorno, que o caracteriza como ambiente. (MOREIRA, 2012, p. 2012)

Mesmo utilizando termos diferentes, constatamos que as autoras convergem na afirmação de que são as relações e interações desenvolvidas no espaço e com o espaço que o tornam um “lugar” ou “ambiente”.

Outro ponto de convergência entre os autores estudados é a afirmação de que a organização dos espaços influencia diretamente nos tipos de interações que ocorrerão no mesmo. Além de sua importância para o desenvolvimento das crianças que frequentam as instituições de Educação Infantil.

Os autores da literatura estudada Agostinho (2003), Ambrogi (2011), Lima e Bhering (2006), Moreira (2012), Horn (2007), Barbosa e Horn (2001) enfatizam, em seus argumentos, a importância da organização dos espaços para a promoção de experiências e vivências que proporcionem o desenvolvimento infantil nas creches e pré-escolas.

De acordo com Lima e Bhering “a preocupação com a organização desse ambiente relaciona-se com o desenvolvimento infantil, considerado como um processo aberto, dinâmico, contínuo e multifacetado e também com a socialização das crianças” (2006, p. 01). Na mesma direção, Ambrogi (2011) nos indica que os espaços para o aprendizado devem proporcionar experiências, além de potencializar as expressões infantis.

Nos argumentos apresentados pelas autoras, em sua afirmação sobre a importância da organização do espaço, é destacada a compreensão da criança como um participante ativo em seu processo de desenvolvimento. Exemplifica isso, as considerações de Carvalho e Padovani (2000) quando nos dizem:

A pessoa, inclusive a criança, participa ativamente de seu desenvolvimento através de suas relações com o ambiente físico e social, e neste último, principalmente através de suas interações com

outras pessoas (adultos e crianças), dentro de um contexto sócio-histórico específico. (2000, p. 03)

Ainda nessa perspectiva, Ambrogi (2011), aprofunda esta discussão referenciando-se nas concepções do geógrafo Milton Santos, para quem o espaço é uma instância da sociedade. Para o autor:

[...] a essência do espaço é social. Nesse caso o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a passagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. (SANTOS apud AMBROGI, 2011. p.05)

É considerando, portanto, essa relação entre espaço e constituição do sujeito, que Gomes da Silva (2006), destaca o papel do espaço físico como um potencializador do desenvolvimento da criança. De acordo com a autora, trata-se de “espaço de experimentação e descobertas pelas crianças, constituindo-se coadjuvante do processo de construção do conhecimento” (GOMES DA SILVA, 2006, p. 3). Ainda neste sentido, considerando o espaço como um fator determinante para o desenvolvimento infantil, Horn (2007) nos afirma que a forma como organizamos os espaços interfere significativamente nas aprendizagens infantis. Conforme a autora, quanto mais desafiador o espaço e quanto mais interações entre as crianças este proporcionar, o mesmo se tornará mais fortemente uma marca do trabalho pedagógico.

Assim, se pensarmos que a organização dos espaços na Educação Infantil é importante no sentido de promover o desenvolvimento, as aprendizagens e vivências da criança, outro aspecto deve ser levado em consideração: as crianças e os adultos que irão interagir nestes espaços. Com argumentos relacionados a esta relação, Agostinho (2003, p. 2) assinala que:

Pensar o espaço da creche, a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, exige que incluamos as crianças, que consideremos suas manifestações e expressões e seus pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa da vida. Isso desafia nosso poder adulto ao incluir a racionalidade infantil, e também o rigor e as imaginações metodológicas para a criação de mecanismos de participação.

Quando se busca organizar espaços que potencializem e possibilitem as interações entre as crianças ou delas com o espaço, é indispensável estar atento às suas indicações e necessidades. Estas podem ser observadas durante as brincadeiras, nos momentos das propostas ou até mesmo nas maneiras em que as crianças interagem com o espaço propriamente. Ambrogi (2011) afirma que ao direcionar o olhar para os modos de fazer das crianças, podemos mais facilmente organizar o espaço ao modo de torná-lo um ambiente mais interessante, proporcionando às mesmas formas de exploração e criação mais significativas.

Neste sentido, considera-se então, que a organização adequada dos espaços/ambientes que promovam interações e relações que possibilitem o desenvolvimento infantil é um dos aspectos essenciais para a prática pedagógica dos professores da Educação Infantil. Concordamos com Gandini (1999), quando argumenta que o espaço ensina, sendo compreendido como um “terceiro educador”. No que se refere a este apontamento, a autora afirma:

A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento (GANDINI, 1999, p.157).

Integrando-se aos autores que tratam da organização dos espaços como inerentes à prática pedagógica do professor na Educação Infantil temos Tussi (2011). A autora argumenta que este processo deve estar atrelado ao

planejamento, manifestando, de forma intencional as propostas do professor em seus objetivos de promoção do desenvolvimento e do aprendizado. Para a autora, cabe ao professor organizar um ambiente que considere as necessidades e desejos das crianças, proporcionando a elas experiências significativas. Portanto a organização dos espaços é:

[...] intencional e o adulto professor(a) quem o organiza para potencializar o encontro das crianças no seio cultural nas suas formas mais elaboradas. Assim, quanto mais o(a) professor(a) a organizar de forma intencional e consciente as experiências na Educação Infantil, mais favorecerá a apropriação dos conhecimentos e práticas sociais produzidas pela humanidade em sua historicidade aos novos herdeiros da cultura (TUSSI, 2011, p. 128).

Os arranjos espaciais e as maneiras de organizar materiais, mobiliários, podem proporcionar ou não experiências, interações e relações entre as crianças, entre as crianças e o professor e entre as crianças e o espaço.

#### **4. Estudos sobre a participação das crianças nos contextos coletivos da educação infantil a partir da organização dos tempos e espaços**

Com base na Pesquisa em Educação no Grupo de Trabalho (GT) 7 da ANPED, foram encontrados e analisados três trabalhos. Os mesmos têm relação indireta com o tema da participação infantil. Sendo as pesquisas de Brito (2005), Silva (2006) e Almeida (2011). No conjunto das 424 pesquisas encontradas na BDTD, resalto aqui que entre o total de trabalhos, cinco apresentam a organização dos tempos e espaços. Sendo essas pesquisas de Moura (2009), Singulani (2009), Vieira (2009), Martins (2010) e Almeida (2015). Somente uma pesquisa tem relação direta com a participação da criança nos contextos coletivo da educação infantil Rosa (2015).

Tendo como objetivo central caracterizar as ações realizadas com a linguagem por crianças de quatro e cinco anos pela professora e pelas bolsistas que atuam na creche, encontra-se a pesquisa de Brito (2005). Sua pesquisa foi realizada numa creche universitária e foram analisadas dez rodinhas, para a construção teórico-metodológica.

A rodinha apresentada é de menor grau evidencia a competência discursiva das crianças, suas enunciações vão evidenciando o grande conhecimento da linguagem que possuem. Segundo a pesquisadora é necessário um forte investimento na direção de legitimar que o lugar atribuído à enunciação das crianças se torne valorizado e que seja garantido no cotidiano dos espaços de Educação Infantil. Também foi destacado que as conversas não sejam entendidas como forma de passar o tempo, como uma fuga do trabalho pedagógico e sim como construção do conhecimento das crianças e do seu lugar de sujeito social. Desse modo, é ressaltado a importância de que os espaços educativos se constituam como espaços de diálogo. Crianças e crianças também disputam o poder.

No artigo de SILVA (2006), a autora baseia-se num trabalho que buscou, através de pesquisas de campo, aliadas à pesquisa bibliográfica, compreender as possíveis interferências causadas pelo espaço-ambiente ao processo de

construção de conhecimentos na educação infantil. Sabendo que a educação infantil compreende a educação de crianças de 0 a 6 anos de idade (naquele momento), focalizada nos espaços das creches, destinadas ao atendimento das crianças de 0 a 3 anos, etapa inicial da educação infantil. Foram analisadas duas creches, considerando as características arquitetônicas e do mobiliário e sua relação com os afetos que os mesmos despertam no cotidiano de tais unidades.

A autora em sua pesquisa revelou como o diálogo existente entre as dimensões do espaço físico e as condições ergonômicas e antropométricas dos mobiliários e demais equipamentos encontrados nas creches interferem no processo da construção de conhecimento em educação infantil. Perpassando a rotina diária das creches e pré-escolas, permeadas por características oriundas da luta contra a herança histórica assistencialista, buscou estudos que favoreçam características educacionais. Contudo, o momento atual lança pistas de que talvez o ideal seja realmente aliar os dois campos em favorecimento da construção de conhecimentos de forma global, sugere Silva (2006).

A pesquisa de Almeida (2011) aborda o desenvolvimento do trabalho com crianças pequenas na escola pública, afim de entender quais são os espaços de interação entre elas. Assim, o objetivo é mostrar como as crianças vivenciam as experiências escolares, suas reações diante da organização escolar e o que criam a partir da convivência diária. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Educação Infantil. Buscou contribuir para a compreensão desse espaço de tensão entre a inventividade das crianças e as experiências estruturadas no espaço escolar, em defesa da legitimação dos direitos da infância e de uma escola pública de qualidade.

Singulani (2009) desenvolveu sua pesquisa a partir de indagações referentes à forma como os espaços ocupados pelas crianças de zero a três anos são organizados na creche, por meio de estudos sobre a teoria histórico-cultural e relativos à organização dos espaços em escolas italianas. A hipótese levantada foi de que um espaço organizado intencionalmente para ampliar o contato das crianças com a cultura favoreceria seu desenvolvimento e possibilitaria uma nova relação entre criança e educadora.

A autora buscou compreender como o espaço da creche pode ser reorganizado, levando as crianças a ampliar seu contato com os bens culturais. Assim como, realizar atividades significativas e estabelecer uma relação mais humanizadora com as educadoras, com seus pares e a cultura. A metodologia consistiu na observação do espaço da creche organizado inicialmente sem planejamento intencional, de conversas mensais realizadas entre a pesquisadora e as educadoras. Assim como, intervenções pontuais no espaço das salas das turmas de zero a três anos e observações no processo de reorganização do espaço. A reorganização dos espaços traz na perspectiva da teoria histórico-cultural a possibilidade de um novo olhar para a educação das crianças pequenininhas.

A pesquisa de Vieira (2009) objetivou analisar a influência que a organização e uso do espaço da escola da infância tem no desenvolvimento humano das crianças pequenas. A partir de leituras que apresentam sobre o desenvolvimento humano, relacionado ao acesso à cultura e sobre a organização dos espaços para educação das crianças pequenas que priorizam este acesso. Decorreu a hipótese do trabalho, de que o espaço da sala de educação infantil, reorganizado num ambiente rico de materiais e objetos, encorajaria as crianças a participar de múltiplas situações. Direcioná-las-ia para atividades interessantes e criaria um clima positivo de relacionamentos, de cooperação, de cordialidade entre seus pares e adultos, possibilitando melhores oportunidades de desenvolvimento para as crianças.

A pesquisa de Martins (2010) teve como objetivo central compreender os significados e os sentidos que as crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil atribuem aos espaços da instituição educativa que frequentam. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com realização de observação participante, acompanhando a entrada e saída das crianças. Além de realizar entrevistas com as crianças registradas em áudios e pela análise de desenhos das crianças sobre o espaço do CMEI. As falas das crianças trouxeram à tona a indicação de quais os espaços para brincar, considerados por elas, são os mais legais e quais são os mais chatos.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que para as crianças investigadas, os espaços mais legais para brincar devem oferecer segurança, diferentes propostas de brinquedos e de brincadeiras e liberdade na escolha dos brinquedos e dos colegas com quem brincar. A pesquisa revelou, ainda, que os espaços externos do CMEI foram relacionados, principalmente, aos núcleos de significação brinquedos e brincadeiras e ao contato com a natureza. Enquanto os espaços internos do CMEI foram relacionados a outros dois núcleos de significação: As relações afetivas e as Rotinas instituídas.

Na pesquisa de Moura (2010), a autora ressalta que o principal objetivo em sua dissertação foi estudar como a organização do espaço pode contribuir para uma educação infantil de qualidade. E como o mesmo pode ser um promotor do desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Sua pesquisa aconteceu em uma instituição de educação infantil da rede pública do Distrito Federal de Brasília. Moura (2010) realizou na construção de sua pesquisa uma observação participante, entrevista semiestruturada com as crianças com conversas informais e fez análises documentais no projeto político-pedagógico da instituição.

A autora conclui que a organização do espaço investigado concede à criança o direito de se tornar protagonista do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Isto por meio de jogos brincadeiras, brinquedos, materiais e objetos diversos, pois as crianças criaram hábitos, atitudes, valores e conhecimentos de maneira divertida e natural.

Almeida (2015), realizou uma pesquisa qualitativa, que objetivou compreender quais aspectos do contexto escolar interferem nos modos de participação social das crianças nas rotinas da educação infantil de uma escola municipal. Foi constatado o disciplinamento gerindo a educação infantil, com regras arbitrárias, sem significado para as crianças e que atrapalharam a interação entre os pares, bem como a interação professora-criança.

Os horários da rotina institucional não estavam articulados pensando nas necessidades e diferentes ritmos de aprender das crianças; a organização do ambiente não se mostrou parte integrante da rotina. Também há carência de um espaço para a discussão e reflexão das práticas pedagógicas entre as

docentes que atuam na escola; ausência da participação familiar e da comunidade nas atividades e planejamentos da instituição educativa. Há falta de cursos de aperfeiçoamento para as professoras ampliarem e atualizarem seus conhecimentos sobre as práticas de educação infantil. Por isso, Almeida acredita ser fundamental rever as práticas pedagógicas, o ambiente e a rotina da escola.

Com base nas pesquisas estudadas aqui, todas trazem a organização dos tempos e espaços. É necessário destacar que os autores trazem a importância do ambiente na Educação Infantil e o diálogo com as crianças.

Sobre o planejamento democrático e participativo construído com crianças de zero a três anos de idade temos a pesquisa de Rosa (2015). Seu objetivo foi analisar se é possível realizar um planejamento coletivo com as crianças. Os objetivos específicos foram investigar qual concepção de criança torna possível esse trabalho; e quais as estratégias que o professor pode utilizar para promovê-lo. A pesquisa obteve como resultado que a execução de um planejamento democrático e participativo com crianças de creche é possível, e que para isso se faz necessário que o professor conceba a criança como um sujeito capaz e de direitos. Criança que também produz cultura, tendo como procedimentos metodológicos ações que permitam o desenvolvimento da democracia, sendo eles de escolha e de participação, promovendo a constante atuação das crianças como protagonistas.

Para Rosa (2015), é por meio desse modo pedagógico participativo que se pode promover a democracia acolhendo as sugestões das crianças durante as rotinas das creches. Neste sentido, o planejamento das ações do dia pode ser uma possibilidade de construção coletiva e democrática, pois oferece espaço para a participação de todos.

Respeitar a criança como um sujeito de direitos e produtora de cultura respalda a construção de um planejamento vivo e coletivo, capaz de deslumbrar os olhos das crianças e encher de entusiasmo e significados nossas creches e práticas pedagógicas. O inverso dessa perspectiva de educação não cabe à criança o papel de participante e sim de mera expectadora, pois não há abertura para que ela opine, escolha ou reflita. A

criança nessa pedagogia não é concebida como um ser capaz e sim como um “vir a ser”. Para autora Rosa(2015), a pedagogia participativa é pautada em outra concepção de criança, pois compreende que a criança já é um sujeito capaz de participar, de refletir, e de interagir produzindo cultura, aprendendo e ensinando; superando assim a tradição da não crença na criança.

Para que seja possível um planejar diferenciado, onde a criança é também autora, se faz necessário que haja uma ruptura da pedagogia tradicional para uma pedagogia participativa, proporcionando espaços de interação constante e de construções coletivas. Sejam elas sobre decisões ou sobre o processo de aprendizagem. Neste sentido, o professor não é mais o único detentor do saber, ele não é o ator principal, pois as ações são dialogadas e todos respeitados como atores desse processo de construção em uma relação dialógica. Rosa (2015).

Rosa (2015) conclui sua pesquisa indicando que existem inúmeras possibilidades de promover a participação das crianças durante o tempo em que estão na escola, tais como, as rodas de conversa e os cantos simbólicos. Para a autora é possível oferecer diferentes momentos de autonomia, basta que o professor se programe para essa oferta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa teórica de cunho qualitativo. Esta pesquisa nos permitiu alcançar nosso objetivo geral que era analisar como a questão da participação das crianças e a organização dos espaços e do tempo nos contextos coletivos da Educação Infantil eram abordados nas pesquisas. Assim como, perceber o conceito de participação e a relação com os espaços e tempos.

Várias indagações foram surgindo sobre o desenvolvimento da criança no processo da educação infantil. Pude constatar que muitas vezes o educador não dá muita importância para a participação das crianças nos espaços e tempos na rotina escolar e não tem diálogos com as mesmas. Sendo assim, a crianças não têm direito de escolha e opinião.

Na realização deste trabalho através da busca nos portais da ANPED (GT7) e das dissertações e teses da BDTD foi possível constatar que alguns autores criticam a ausência da participação da criança e a relação com a organização do espaço. Constatam que muitos professores não sabem como lidar. Isto me leva a indagar: Onde há orientações para a organização dos espaços?

No primeiro capítulo destacamos o conceito de participação. As crianças ainda não são percebidas, pela sociedade em geral, como agentes sociais e a infância como uma etapa geracional, que influencia a estrutura social e, ao mesmo tempo, é influenciada por ela. Além disto, o ponto de vista das crianças deve ser levado em conta, permitindo influenciar as decisões nos assuntos que as afetam. A participação e inclusão das crianças na produção dos espaços sociais coletivos de educação dependem do entendimento de que as mesmas são atores sociais, ativas e capazes de atuar nos espaços que participam.

O segundo capítulo destinou-se ao espaço e tempo na educação infantil, ao qual, a produção de conhecimento da área possibilita compreender a importância e influência dos espaços na vida das crianças. Tendo em vista que a organização dos espaços que considera a criança e suas necessidades irá promover interações e relações mais significativas para ela. Além disto,

salientamos o papel dos espaços na medida em que a criança vai se constituindo como sujeito social, considerando então que é nas interações, nas experiências, nas vivências individuais ou coletivas, nos espaços e com os espaços que este processo pode ocorrer. É preciso considerar e estar atento aos modos de fazer das crianças, às suas brincadeiras, para que se possa organizar o espaço de modo a assegurar experiências e vivências significativas a elas. Portanto concordamos com Gandini (1999), o espaço é um terceiro educador e sua organização é dimensão da prática pedagógica do professor de Educação Infantil.

E por último, o terceiro capítulo foi contemplado nas discussões do primeiro e segundo capítulos, mapeando as dissertações selecionadas. Nestas analiso e descrevo o contexto do tema abordado que foi alcançado durante a realização da pesquisa na BDTD e a ANPED nos períodos de 2005 a 2015.

Destaco que apartir dos trabalhos analisados foi possível constatar a pouca existência de pesquisas acerca da temática estudada, em relação às crianças de zero a três anos. Apenas na pesquisa de Rosa (2015) tal abordagem foi feita com este grupo etário. Isto seria por tratar-se de um grupo de crianças que a fala não é preponderante? Ou por que a criança anterior à idade de quatro anos não é assumida como sujeito que participa e que pode intervir no modo como o tempo e o espaço é organizado nos contextos de educação infantil?

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Katia A. **A complexidade da participação das crianças na educação infantil**, Florianópolis, 2014.

AGOSTINHO, Katia A. **A educação infantil com a participação das crianças**: algumas reflexões, Da Investigação às Práticas, 6 (1), 69 – 86, Florianópolis, 2015.

AGOSTINHO, Katia A. **O espaço da creche: que lugar é este?** In: Anais da 27ª Reunião anual da Anped - Sociedade, democracia e educação: qual Universidade? Caxambu, 2004

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013

AMBROGI, Ingrid Hötte. **Reflexões sobre os usos do espaço como garantia para a criação de meninos e meninas pequenas**. Pro-Posições[online]. 2011, vol.22, n.2, pp. 63-73

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. Educação Infantil. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Ana Beatriz Rocha e BHERING, Eliana. **Um estudo sobre creches como ambiente de desenvolvimento**. Cad. Pesqui. [online]. 2006, vol.36, n.129, pp. 573-596.

MOREIRA, A.R, **Organização de ambientes na formação em serviço dos educadores da infância**: um estudo de caso/intervenção; ENDIPE – UNICAMP, 2012 Disponível em:  
file:///C:/Users/user/Desktop/TCC/Bibliografias/Ana%20rosa%20moreira.pdf

Rosa, Emillyn. **O planejamento democrático e participativo construído com crianças de 0 a 3 anos**. 141 f. Dissertação (mestrado) Universidade Nove de Julho UNINOVE, São Paulo, 2015.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

VASCONCELOS, G. S. M. **“Você vai ter que aprender a desobedecer!” A participação das crianças na relação pedagógica**: um estudo de caso na educação infantil. Florianópolis, 2010. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Centro de Educação, UFSC.

